

## MOMENTOS DE LEITURA

---

J. C. ALENCAR ARARIPE

### 1) GABRIELA

1) *Gabriela, Cravo e Canela* assinalou o meu reencontro com Jorge Amado. Há algum tempo, não convivía com o escritor baiano. Mas me ficara, de algumas das suas obras, o sabor gostoso que não se esquece mais.

A luta em torno do cacau marcou o meu primeiro contato com Jorge Amado. A conquista da terra, o cangaço desenfreado, o sangue adubando a sementeira de uma riqueza que surgia, os coronéis abrindo roçados a ferro e fogo, as eleições ganhas pela força e pela fraude, tudo isso, contado em linguagem peculiar, envolvia-me nas teias de um interesse vivo e dominador, que não podia controlar, a não ser quando volvia a última página no livro.

Depois, a história deliciosa da vida de Castro Alves. Biografia estilo romanceado, exerce, sobre o espírito do leitor, o mesmo intenso fascínio da narrativa dos dramas do cacau. Para mim, particularmente, ficou-me a lembrança dos terríveis temores que despertava a tragédia da saúde do vate inolvidável.

À época em que li o *ABC de Castro Alves*, sentia umas dores nas costas, que me deixavam, às vezes, em estado de profunda depressão nervosa. Ligando a situação pessoal ao fim que tivera Castro Alves, perguntava a mim mesmo, cheio de apreensão e angústia, se não me aguardaria o idêntico e triste desenlace do poeta da Abolição.

Felizmente, a resposta, que o tempo se encarregou de dar, não correspondeu ao fatídico que às vezes antevia. Passaram as dores nas costas, como passou a leitura de o *ABC de Castro Alves*. Veio, então, o período em que Jorge Amado foi mais o apologista ortodoxo de uma ideologia do que o consagrado retratista de aspectos particularíssimos da vida brasileira. Não me seduzia.

*Gabriela, Cravo e Canela*, agora também um sucesso como novela de televisão, foi a volta do rio ao leito antigo. E mais vigoroso,

em caudais mais impetuosas, renovado e fortalecido nas nascentes puras e inesgotáveis da terra e do povo.

Eis uma das razões do sucesso de Jorge Amado: a maior parte da sua obra está entranhadamente ligada à gleba natal e bebe na alma popular, através das suas variadas manifestações, a seiva vital da sua potencialidade emotiva.

Não vai buscar em fatos, usos e costume de além-mar os motivos determinantes das suas criações. Deixa-se ficar por aqui mesmo. E fica muito bem. Direi melhor, maravilhosamente. Fala a nossa linguagem. Externa sentimentos que nos são comuns. Focaliza vicissitudes que se espelham no cotidiano. No fixar, em dado momento, a existência de uma cidade ou de uma região, expressa-se com naturalidade, sem o artificialismo que enerva e repugna.

Quem habitou pequenas localidades, quem viveu no interior, sabe que Jorge Amado, embora se reportando a homens e coisas da Bahia, não se distanciou da realidade que conhecemos. Porque, em muito daquilo que é relatado, parece que se reproduz o cenário que nos foi familiar.

É o segredo da união entre o leitor e o escritor. Aquele sente-se identificado com este. Vínculos poderosos prendem um ao outro. E nessa constatação está uma nota auspiciosa para a literatura brasileira, como certo crítico já observou: a maturidade do romancista e do público que o acolhe e incentiva com a sua preferência, tão grande e acentuada, que as edições de seus livros constituem êxitos sem paralelo.

Além dos fatores positivos já ressaltados, não esquecer o lirismo exuberante de *Gabriela, Cravo e Canela*. Há trechos, e não são poucos, que se enquadram dentro da classificação, um tanto cedida mas nem por isso menos verdadeira: representam manifestações poéticas em forma de prosa.

Numa fase de reivindicações de natureza social e econômica, releva destacar a contribuição de *Gabriela, Cravo e Canela* para a solução de um dos problemas cruciantes da Bahia.

O romance desdobra-se, quase todo ele, em São Jorge dos Ilhéus. A cidade, em surto de grande progresso, graças à riqueza do cacau, luta desde os primeiros instantes por um porto para o escoamento do produto. A dragagem da barra transforma-se até em caso político.

Fixe-se esse aspecto do livro de Jorge Amado, de par com a sua alta expressão literária e humana.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMADO, Jorge — *Gabriela, Cravo e Canela*. 23 ed. São Paulo, Martins, 1961. 453 p.

## 2) TERRA DO MAR GRANDE

Em nota explicativa de *Terra do Mar Grande*, Carlos D'Alge fixa os propósitos que o animaram a escrever o livro. Quis oferecer aos brasileiros "aquilo que considero essencial para melhor compreensão do País amigo". Aos portugueses "recordo alguns fatos histórico-culturais e evoco paisagens e memórias que devem ser lembradas".

*Terra do Mar Grande* é para ser visto, assim, dentro dos limites que o seu próprio autor estabeleceu, sem falsa modéstia. "É o cicerone brilhante e atualizado" de que nos fala Moreira Campos, a conduzir o leitor através de Portugal, em viagem cheia de sugestões, encantos e recordações.

Ao oferecer-me o livro, mais um primoroso trabalho gráfico da Imprensa Universitária, Carlos D'Alge formula votos de que torne a palmilhar os caminhos da terra e do mar grande. E foi o que fiz, de mãos dadas com uma saudade bem portuguesa.

De repente, transporto-me às velhas plagas lusitanas. Reproduzo em espírito a excursão de muitos anos atrás. Vejo-me desembarcando de um avião da "Panair", no aeroporto de Lisboa. Depois de dois meses por outras partes da Europa, sinto-me como se estivesse na minha pátria.

Não procurei grandes hotéis. Fui parar em uma dessas pensões lisboetas, simples, acolhedoras, uma casa portuguesa com certeza, onde nada faltava, próxima ao centro, e com a vantagem de não tornar-se pesada à bolsa.

Descendo pela Avenida da Liberdade, não demorou que me encontrasse em pleno Rossio, centro famoso da Lisboa antiga, celebrada em canção que na época estava na boa de todo mundo.

Era como se tudo me fosse familiar, a terra, o povo, os bondes, aqueles cafés tão semelhantes aos nossos. Engraxates falando de futebol e recebendo o cruzeiro que em outros países não tinha curso. Se hoje a nossa moeda está com direito a saque no Fundo Monetário Internacional, naquele tempo fazia até dó...

Lisboa me enfeitiçava. Uma metrópole cosmopolita que conservava ares provincianos. Os dias passavam, mas sempre trazendo novas descobertas. O enlevo dos fados nas noites sem fins regadas pelo capitoso vinho português. Os bairros modernos contrastando com o antigo e tradicional. A velha Fortaleza de São Jorge, privilegiado mirante de onde se obtém uma vista maravilhosa. As ruas estreitas e íngremes, as largas e bonitas avenidas. O espetáculo

inesquecível de uma tourada no Campo Pequeno. Com freqüência, as ligações históricas, entre Brasil e Portugal, impunham-se à minha lembrança. O Tejo, Torre de Belém, os Jerônimos, monumentos e museus.

É da bela Lisboa, “sempre formosa ao sorrir”, que nos fala Carlos D’Alge em linguagem amena, que nos convida à leitura que não se interrompe e tem pressa de chegar ao fim. Com ele ainda deixo a Capital, revejo Sintra, Batalha e Alcobaça, com ele vou a Coimbra, percorro a Universidade, entro em contato com estudantes, provo do vinho do Porto, conheço lendas, tradições e costumes regionais, percorro vilas e castelos, sinto a nostalgia do mar, relembro figuras literárias, vivo, como diria o autor de *Terra do Mar Grande*, um momento em tempo de saudade.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

D’ALGE, Carlos — *Terra do Mar Grande*; Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1970. 287 p.

### 3) PSICOLOGIA OBJETIVA

Com *Psicologia Objetiva* José Maria Correia Guedes publica o seu primeiro estudo sobre um tema de palpitante atualidade. O livro é uma estréia, mas o seu autor não é um noviço no trato do assunto que focaliza. Há anos, dedica-se, com apaixonante persistência, ao aprofundamento dos seus conhecimentos no campo da Psicologia.

Se é um novo autor que surge, em seara tão insinuante do saber, o professor não se manifestou agora, faz tempo que se exercita, conseguindo acumular uma experiência preciosa, que lhe tem valido o êxito em várias oportunidades.

Quantos cursos de Psicologia José Maria Correia Guedes já não ministrou? E em todos eles foi bem sucedido. Assim o proclamam os que deles participaram, alguns dos quais por duas vezes consecutivas, para que maior fosse a compreensão e o aproveitamento.

Guardo uma lembrança bem viva do curso em que tomei parte, o promovido em 1967 pela Coordenação do Bem-Estar Social do INPS. Frequentei-o em companhia de dois filhos, circunstância que daria, a mim, dimensões particulares dos ensinamentos ali difundidos.

Porque o aprendizado dos meus dois rapazes se processou com tentativas de aplicação imediata no ambiente familiar. Eram frequentes, a essa época, as intervenções que faziam com vistas a mim ou à minha esposa.

— Mas papai, o senhor não se recorda daquela advertência do professor?

— Mamãe, a senhora está precisando de um curso de Psicologia.

Claro que não me importunavam tais impertinências, porque a Psicologia me ensinara também e o Correia Guedes não esquece esse fenômeno, que as pessoas se inclinam mais a analisar os problemas psíquicos apresentados pelos demais e não os seus próprios. Diante da mensagem do professor ou do escritor, com este se identificam, julgando-se corretos ou perfeitos, e não vêem os erros em que incorrem. Ficam, assim, impossibilitados de uma autocritica sincera e construtiva. É fácil apontar os defeitos de terceiros, sob a influência do conceito de inferioridade e do desejo, muito forte em todos nós, de auto-afirmação.

Que se faz, hoje em dia, sem Psicologia? Pelos seus desdobamentos e múltiplas aplicações, não há atividade humana que se não curve à sua influência e não se beneficie pela utilização dos princípios que a norteiam.

Necessária à família, porque favorece o interrelacionamento conjugal e a compreensão da mentalidade infantil; necessária à educação porque orienta na escola dos processos mais adequados; na Medicina, para diagnóstico dos desajustamentos e a sua correção; no trabalho, para melhor aproveitamento dos recursos humanos; na propaganda, para aumentar o poder de sugestão e estímulo.

E onde mais? Preferível parar na emancipação, porque o rol seria extenso demais. Mas que se não esqueça que o ponto de partida é o indivíduo, sem cujo equilíbrio interior e nas relações no grupo social falham os planos e cedem os alicerces de iniciativas arrojadas.

Em *Psicologia Objetiva* José Maria Correia Guedes ocupa-se, preferencialmente, dos fatores exógenos geradores dos problemas psicológicos que nos atormentam e aponta o caminho para enfrentá-los e solucioná-los.

Não tem o autor a veleidade de pensar que dá a palavra definitiva. A controvérsia, nos domínios da Psicologia, tem imensa amplitude.

Mas forçoso é reconhecer que se trata de um livro bem esquemático, elaborado com critério e inspirado por uma inequívoca vontade de servir. Vontade de servir que o tem norteado nas aulas como no Curso de Psicologia Objetiva por Correspondência, organizado em 12 lições, e com o relato ilustrativo de casos reais.

Neste mundo cheio de problemas de toda natureza, em que o homem se sente angustiado porque nem sempre encontra uma saída para os impasses com que frequentemente se depara, a Psicologia abre clareiras que conduzem ao discernimento racional e ao pensamento construtivo.

A Psicologia ajuda-nos a encontrarmo-nos a nós mesmos, para exata avaliação das nossas boas e más qualidades e a fixação posterior do nosso comportamento, tendo em vista a consecução da felicidade pessoal. Levando-nos a conhecermo-nos melhor, a Psicologia permite-nos encontrar fórmulas superiores de convivência humana, com reflexos favoráveis no lar, no ambiente de trabalho, na sociedade. O seu aprendizado poderá causar fundas implicações na vida da comunidade, pelas saudáveis disposições que desperta e anima.

É com satisfação, pois, que registro a contribuição oferecida por um jovem estudioso dessa fascinante ciência. E que *Psicologia Objetiva* seja apenas o início de um esforço que se desdobrará no futuro em novas e positivas afirmações de elaboração mental.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GUEDES, José Maria Correia — *Psicologia Objetiva*. 1.<sup>a</sup> ed. Fortaleza, 1970.

#### 4) BANGUÊ

*Banguê* é desses livros que se lê com gosto e interesse a curiosidade aguçada para o desfecho dos diversos casos que o escritor soube criar, na urdidura de um vivo romance regional.

A história começa com a chegada do Dr. Carlos à Fazenda Santa Rosa, do seu avô José Paulino. O ambiente não lhe era desconhecido, pois lá vivera despreocupados anos da sua meninice.

Mas a sua situação agora se apresentava diferente. O Dr. Carlos trazia no dedo um anel de bacharel e a velhice doente do Coronel José Paulino era prenúncio de que o aguardava o peso de muitas responsabilidades já que o consideravam o natural sucessor do avô próximo da morte.

O Dr. Carlos revelou-se, porém, desde os primeiros instantes, um inadaptado, sem disposição para a luta, incapaz de enfrentar a tarefa que lhe estava reservada. Enfurnado no quarto, estirado preguiçosamente na rede, era uma decepção para o velho, que olhara para ele com esperança e confiança.

— Substituir o Coronel José Paulino. . .

O romancista traça de modo magistral o perfil do senhor de engenho, que declinava à vista de todos. Não era mais do que uma pálida imagem do que fora em outros tempos.

Antigamente, madrugada ainda, já se achava de pé. Desenvolvia uma atividade febril, que ia até a boca da noite. Estava em toda parte, fiscalizando e reclamando. Até parecia que tinha o dom da ubiquidade.

Podia figurar, a quem não o conhecesse na intimidade, que se tratava de um homem sem alma. Pelos seus modos e pela maneira como falava, até com pesadas descomposturas, outra não seria a impressão que se assenhoreava do espírito do visitante. Na verdade, porém, o coronel tinha um bom coração e os seus moradores gozavam de direitos que em outras fazendas não se reconheciam.

Naquele estágio da existência, alquebrado pelos anos, com os dias contados, José Paulino estava à espera de quem ocupasse o seu lugar na administração do vasto patrimônio que formara.

A presença de uma mulher na Fazenda Sana Rosa veio alterar, profundamente, o ritmo de vida do Dr. Carlos. O amor de Maria Alice, que afinal conquistou, encheu-lhe o tempo e deu-lhe ânimo para fazer aquilo a que inexplicavelmente se negara até então.

Levantava-se cedo, observava o trabalho nos diversos setores, dava ordens em tudo. Ocorrera nele verdadeira transformação. Mudara como da água para o vinho. Surpreendia a sua atitude.

Mas não iria demorar nesse rojão. Maria Alice ali se encontrava de passagem. Viera a Santa Rosa a fim de trocar de ar, terapêutica indicada para o seu estado de saúde. Melhorara bastante. Não estava mais com nervosismo. Não tardaria que o marido viesse buscá-la.

Esse dia, afinal, chegou. A partir de então, o Dr. Carlos perdeu a noção das coisas. Era como se lhe houvesse escapado algo essencial. Andava pela fazenda como uma pessoa que já faltava o juízo certo.

Foi preciso a intervenção dos parentes. Levaram-no para outro sítio. Cercaram-no de cuidados especiais. Privando da companhia alegre de um primo amigo, pouco a pouco se recuperava. Não demorou o restabelecimento completo.

A notícia alarmante pegou-o de surpresa: o avô adoecera gravemente. Chamavam-no com urgência a Santa Rosa. Não teve dúvidas: pegou de um cavalo e lá se foi.

Não alcançou mais com vida o Coronel José Paulino. A morte já armara tenda no casarão. Baqueara o senhor de engenho e o ambiente era de profunda desolação.

Logo começou a batalha do inventário. Sim, constituiu verdadeira batalha, em que por vezes anteviu a perda do Santa Rosa. A solidariedade da maioria dos tios garantiu-lhe a posse ambicionada.

Dr. Carlos tornara-se agora dono de engenho. Como haveria de portar-se nessa contingência? Conseguiria botar para a frente a fazenda que herdara ou viria a fracassar?

Houve ocasião em que a impressão era a de que os negócios se encaminhavam bem, embora pudessem ainda estar melhores, se houvesse mais descortino, arrojo e iniciativa.

Antes, porém, que se firmasse solidamente e conquistasse a confiança, tanto dos seus moradores como dos proprietários vizinhos, surgiram-lhe dificuldades, que não soube contornar com habilidade.

Do caso com antigo trabalhador do eito, que a duras penas amealhara alguns recursos e até viera a fazer-lhe sombra (pelo menos Dr. Carlos assim supunha), foi cair nos tentáculos da Usina, que a todos ameaçava de levar de roldão para alargar a área de suas culturas de cana.



Um drama pungente, o representado pelo jovem advogado que se transformara em senhor de engenho. Envolvido nas teias da intriga, que ele próprio ajudara a tecer, já não aguardava senão o fim: o dia da entrega do Santa Rosa à Usina.

A família salvou-o da humilhação, adquirindo a fazenda que pertencera ao Coronel José Paulino. Suspirou aliviado. Muito pior poderia ter sido.

Muito pior poderia ter sido? Então, 300 contos de réis não eram riqueza, que abria grandes perspectivas ao jovem Dr. Carlos?

Banguê, a par do curioso das histórias que relata, encerra uma análise penetrante e sugestiva do panorama oferecido pelos engenhos do Nordeste.

José Lins do Rego patenteia-se o observador atilado do problema social. Quase que tem em cada um de nós o testemunho do que diz. Porque, quem não conhece, por estas bandas do País, aspectos desoladores do drama sertanejo?

Parece até, em muitas oportunidades, que se está contemplando, em evidente relevo, o que o escritor descreve, tal a simplicidade e realismo com que se expressa.

Em certos e determinados trechos, aqueles dedicados às aventuras amorosas, José Lins do Rego torna-se mesmo chocante de mais. E não havia necessidade de todo aquele extravasamento em assuntos sexuais. Sente-se que era dispensável, sem que fossem atingidas as poderosas fontes de inspiração que garantem a vitalidade de Banguê.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

REGO, José Lins do — **Banguê**. 7.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1969. 211 p.

## 5) HISTÓRIA DA ACI

Quando a Diretoria da Associação Cearense de Imprensa cogitou da programação comemorativa de meio século da nossa entidade, uma idéia logo se impôs e recebeu o concenso de todos: a publicação de um livro sobre a vida da instituição cinquentenária.

Uma lembrança feliz. Se a data merecia celebração condigna, e não havia dúvidas quanto a isso, uma das maneiras de exaltá-la seria a reconstituição da sua história. Havia muito o que contar.

A Associação Cearense de Imprensa surgira como fruto do esforço de arregimentação de uma classe em formação e que já procurava afirmar-se. Se grande fora o empenho pela sua criação, maior ainda se tornara necessária a luta pela sua sobrevivência. Percalços de variadas matizes conspiravam contra o grêmio nascente.

Reduzido era o número de sócios, por força de pequeno mercado de trabalho que a imprensa da época oferecia. Incompreensões e rivalidades faziam-lhe uma ronda permanente. Os jornais de então, todos de origem política, levavam para o novo organismo o germe das dissensões partidárias.

A Associação Cearense de Imprensa, em mais de uma oportunidade, estivera na iminência de dissolver-se. O instinto de defesa certo que influira no espírito dos pioneiros. Ao desamparo de um órgão que por todos falasse e agisse, os jornalistas de então se tornariam presas ainda mais fáceis dos desregramentos políticos e atrabiliaridades policiais.

Os anos corriam e a Associação Cearense de Imprensa sobrevivia às procelas. Ora parecia um mero centro literário ou artístico, enchendo as noites com o devaneio das tertúlias ou apresentações teatrais. Outras vezes, movimentava a sociedade com os disputadíssimos torneios para escolha da Rainha da Imprensa. Não raro, a conferência sobre problemas da cidade. Do seu plenário partira, praticamente, a idéia de fundação do Aero Clube do Ceará. Não faltavam campanhas memoráveis, como a de que resultara na ereção do monumento a José de Alencar. Resgatava o Ceará uma dúvida com o maior dos seus escritores e ainda hoje apontado como o patrono excelso das letras nacionais.

Nem tudo, porém, era literatura, arte ou concurso de Rainha. Vinha dos primórdios a preocupação com o drama social do gazeiteiro e o exercício da profissão jornalística recebera constante desvelo. Aos atentados sucediam-se os protestos; às prisões, os pedidos de "habeas-corpus".

Uma conquista marcante da Associação Cearense de Imprensa foi a construção da sede própria. Uma obsessão que dominara diferentes diretorias. Não se objetivava apenas um lugar para reuniões. Este, na verdade, não faltara. Desejava-se, isto sim, um complexo arquitetônico, à altura do prestígio da Associação Cearense de Imprensa, e que lhe desse, por igual, a segurança de um patrimônio respeitável.

Para alcançar-se a meta maior ocorre, sob o comando de Perboyre e Silva, uma mobilização sem precedentes, diretoria, jornais e rádios, governo e povo de mãos dadas, milagre de compreensão, trabalho e boa vontade. A Prefeitura Municipal doa o terreno; do Estado provém ajuda financeira; as Festas da Imprensa, na Cidade da Criança e no Passeio Público, asseguram a participação popular no empreendimento.

Realidade a Casa do Jornalista, parte a Associação Cearense de Imprensa para novas jornadas. E surgem as Colônias de Férias, em Paracuru e Icaraiá, ganha dimensões a assistência jurídica, médica e odontológica.

Faz honra à Associação Cearense de Imprensa a sua decisiva atuação em prol de uma Escola de Jornalismo em Fortaleza. E é de justiça realçar que, se a concretização da iniciativa é relativamente recente, pois que se deu há uma década, já em 1937 ocorriam manifestações que traduziam o reconhecimento da necessidade de cursos regulares de formação jornalística. O fato revela uma mentalidade arejada, esclarecida, pois que nem sequer se fundara ainda no País a primeira escola do gênero.

Hoje, aí está o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, devidamente reconhecido, formando anualmente turmas de comunicólogos, em ação em diferentes áreas da especialidade, notadamente em jornalismo, relações públicas, publicidade e propaganda.

Pois o Curso de Comunicação Social, como passou a chamar-se, a partir de 1970, o Curso de Jornalismo instalado em 1966, nasceu na Associação Cearense de Imprensa, que assim cumpria um dispositivo dos seus estatutos. E, coincidência curiosa, um dos fundadores e ex-Presidente da entidade máter, felizmente ainda no nosso convívio, professor Luís Sucupira, foi o seu primeiro coordenador.

Na mesma ordem de conduta — a valorização do trabalho nas redações — insere-se a instituição dos Prêmios Anuais de Jornalismo, providência de largo alcance, de profunda e benéfica repercussão. Através deles, a Associação Cearense de Imprensa traduz o seu apreço aos que se projetam pela publicação de reportagens

de merecimento. Ao mesmo tempo, cumpre um outro item das normas estatutárias: a de concorrer para integrar a imprensa no seu elevado papel de educadora e orientadora esclarecida e honesta da opinião pública.

Mesmo vista de relance, ressalta a evidência de que a Associação Cearense de Imprensa cumpriu, ao longo de 50 anos, missão de marcante significação. Era imperioso, pois, que se procurasse reunir os elementos dispersos, escritos ou em depoimentos pessoais, para recompor a sua trajetória luminosa.

Essa tarefa foi confiada ao professor e jornalista Geraldo Silva Nobre, membro ilustre do Instituto do Ceará e apaixonado pesquisador. Antes, ele já divulgara, em jornais da terra, interessantes e preciosos estudos, frutos de suas perquirições no domínio da imprensa. E, em 1975, publicada a Introdução à História do Jornalismo Cearense, uma paciente incursão no passado.

Em 1976, no Dia da Imprensa, foi lançado oficialmente a História da ACI, de Geraldo Silva Nobre, em cerimônia que se incorporou à I Semana de Jornalismo, realização do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. Composto e impresso nas oficinas da Imprensa Universitária, de tantos e tão relevantes serviços às letras e à cultura em geral, o livro em suas 303 páginas, registra o cotidiano na assistência de 50 anos da Associação Cearense de Imprensa e enfoca os personagens que nela avultaram.

Na apreciação da obra, o crítico, o analista ou o simples e despretenhoso leitor não de atentar para a advertência do autor na nota introdutória ou de apresentação. Não pretendeu ele, como salienta, a abordagem científica, razão por que foram sacrificados requisitos metodológicos, ao procedimento interpretativo inclinou-se pela orientação descritiva. Historiador honesto, reconhece que o livro não é completo nem definitivo, mas constitui um repositório útil de informações, a partir das quais poderá alguém que o pretender partir para o aprofundamento dos aspectos que lhe parecem mais importantes.

Louve-se, em Geraldo Silva Nobre, o interesse, o esforço, a constância, o entusiasmo e as boas instruções com que se lançou à tarefa de que foi incumbido. E duas lições podem e devem ser aprendidas no episódio. A primeira é a da imprescindibilidade de que pessoas e instituições, em tempo hábil, tenham apreço à memória histórica, para evitar as reconstituições tardias e muitas vezes incompletas. A segunda fala de perto ao jornalista. Quantas vezes Geraldo Silva Nobre não enfrentou dificuldades para elucidar certos acontecimentos em virtude da imprecisão do jornal

objetivo de consulta? Entre as qualidades, de que a notícia precisa revestir-se, não esquecer esta do respeito à integridade do fato. Por amor à verdade e por atenção ao leitor do dia; para fazer história amanhã.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. NOBRE, Geraldo S. — **História da Associação Cearense de Imprensa. 1925/1975.** Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1976. 303 p.
2. — **Introdução à História do Jornalismo Cearense.** Fortaleza, Graf. Ed. Cearense, 1974. 197 p.